

## RIO2016

# À espera REFUGIADO NO RIO

Feyisa Lilesa, que protestou contra o governo da Etiópia domingo, aguarda na cidade olímpica visto para entrar nos Estados Unidos

GUSTAVO LOIO  
[gustavo.loio@oglobo.com.br](mailto:gustavo.loio@oglobo.com.br)

Os braços cruzados acima da cabeça, ao completar a maratona no domingo, nos Jogos do Rio, foram apenas o início do que pode se tornar uma saga para o etíope Feyisa Lilesa, de 26 anos. Medalha de prata na prova, o maratonista protestou contra o governo de seu país, que vem, segundo ele, dizimando a etnia oromo, da qual faz parte.

Embora Getachew Reda, porta-voz do governo etíope, tenha dito a agências locais que Lilesa não só será bem recebido como se tornou um herói nacional, ele parece não ter acreditado muito. No domingo, logo após a cerimônia de encerramento, no Maracanã, o maratonista não voltou à Vila dos Atletas. Ele seguiu para um hotel, pago por amigos americanos, com o objetivo de não deixar rastros para o governo de seu país. Ele só deve deixar o Rio quando garantir visto de entrada nos Estados Unidos.

— Meus amigos que moram nos Estados Unidos reservaram esse hotel. E me deram o endereço. Eu mostrei ao taxista (após a cerimônia de encerra-

mento), e ele me trouxe aqui — contou Lilesa, que deixou a mulher e os dois filhos no país, ao Sportv.

A delegação etíope volta hoje para casa. Até o início da noite de ontem, o Ministério da Justiça não havia recebido pedido de asilo do maratonista — o órgão informou que foi contactado por outros atletas, mas que “não poderia divulgar nada a respeito por questões internas e também porque ainda não foi tomada decisão sobre eles”.

— Eles estão matando o meu povo. A Etiópia tem muitas etnias, e apenas uma tem o poder. Essa etnia está matando muitos integrantes das outras — relatou Lilesa. — A situação dos oromo é muito complicada. Em nove meses, mataram mais de mil pessoas em manifestações — informou.

Segundo o jornal “The New York Times”, o etíope terá que conseguir asilo no Brasil antes de buscar ajuda nos Estados Unidos. Só depois poderá ser autorizado a viajar ao país, onde receberia um visto temporário. Uma vez em solo americano, poderá pedir asilo político. Por causa da autorização obtida para disputar os Jogos, o atleta ainda tem mais 70 dias para permanecer no Brasil.

**Ergue as mãos.** Lilesa protesta ao fim da maratona



Compatriota de Lilesa, Aguegnehu Aberra, de 68 anos, intérprete do COI (Comitê Olímpico Internacional) e radicado em Los Angeles, conhece muito bem o drama que o medalhista vive:

— O governo atual é pior do que quando deixei o país, há 40 anos. Em termos de corrupção, é terrível. A tribo de Feyisa está lutando contra o governo e tem mais de 27 milhões de representantes.

Em 2008, ano da projeção mais recente, a Etiópia tinha 80 milhões de habitantes. Desde 1995, o país, o sétimo maior do continente africano, adotou o regime parlamentarista. Daquele ano até agosto de 2012, a nação foi comandada pelo primeiro-ministro e ex-líder guerrilheiro Meles Zenawi, que faleceu aos 57 anos, vítima de uma infecção. Seu sucessor, no cargo até hoje, atende pelo nome de Hailemariam Desalegn.

### VILA FECHA HOJE

Três dias após a festa de encerramento, o prazo para as delegações deixarem a Vila dos Atletas, na Barra da Tijuca, termina à meia-noite de hoje, já que, nos próximos dias, começa a chegar a família paralímpica (a festa de abertura é no dia 7).

Ontem, 600 representantes de diversos países que disputaram a Olimpíada ainda dormiram na vila. Durante o dia, muitos deles aproveitaram para fazer as últimas compras e passeios pela cidade. Pela manhã, por exemplo, um grupo de atletas da Índia, Costa do Marfim, Polônia, Maldivas, Grécia e Bahamas dividiu a mesma van para um passeio ao Corcovado.

Enquanto os protagonistas da primeira Olimpíada da América do Sul não deixam a cidade, quem vem trabalhando em prol da Rio-2016 há mais de duas semanas não esquece o megavento. É o caso do contador carioca José Rodrigues, que trabalhou como motorista da família olímpica:

— Nem esperava ser chamado, mas adorei a experiência. Conheci gente de todos os países em um único lugar e perto de casa. Adorei e faria até de graça — conta o morador do Pechincha, em Jacarepaguá, que ganhou R\$ 2.100 durante o período. ●